



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

HÉVILA TÔRRES DOS SANTOS

AVALIANDO O PROJETO ALFA 3 DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA

FORTALEZA

2021

HÉVILA TÔRRES DOS SANTOS

AVALIANDO O PROJETO ALFA 3 DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia Diurno, ofertado pela Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Dra. Maria Isabel Filgueiras Lima Ciasca

Fortaleza

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S235a Santos, Hévila Tôres dos.
Avaliando o Projeto Alfa 3 da Prefeitura Municipal de Fortaleza / Hévila Tôres dos Santos. – 2021.
46 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação,
Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2021.
Orientação: Profa. Dra. Maria Isabel Filgueiras Lima Ciasca.
1. Alfa 3. 2. Alfabetização. 3. Métodos de Alfabetização. I. Título.

CDD 370

HÉVILA TÔRRES DOS SANTOS

AVALIANDO O PROJETO ALFA 3 DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia Diurno, ofertado pela Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Isabel Filgueiras Lima Ciasca.

Aprovada em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Maria Isabel Filgueiras Lima Ciasca (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dra. Claudiana Maria Nogueira de Melo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Ma. Nágila Rabelo de Lima
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Educação não muda o mundo.

Educação muda as pessoas.

Pessoas mudam o mundo.

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois sem Ele eu nada seria. Ele guiou meus passos e me conduziu em todas as etapas da minha vida. Não há palavras que expressem tamanha gratidão que tenho por esse Deus tão maravilhoso.

Aos meus pais, Heládio e Luísa, que nos momentos mais difíceis estiveram comigo, incentivaram-me, deram-me apoio, foram base e suporte. Eles são meus maiores exemplos de vida: minha mãe por ter sido além de mãe minha companheira de curso em algumas disciplinas na Pedagogia e meu pai por sempre me aconselhar e ajudar nas minhas escolhas.

À minha irmã Lívia por me incentivar, apoiar e sempre levantar meu astral nos momentos de desânimo. Não poderia existir pessoa melhor para ser minha irmã.

Ao meu amor Alcion que nos momentos difíceis esteve ao meu lado, apoiando-me, incentivando, sempre acreditando na minha capacidade, transmitindo calma e compartilhando comigo momentos de alegria. Um parceiro admirável e de extrema importância nesse processo.

A todos os meus familiares que me apoiaram e me encorajaram em todos os momentos de minha vida, principalmente, nestes anos na Pedagogia.

À minha colega e amiga Isabelle (Pedagogia-UECE) que dividiu comigo as dúvidas, angústias e incertezas dos primeiros semestres, mas que também foi minha companheira nos trabalhos e sempre deixava os momentos em sala de aula mais leves e agradáveis.

À minha colega e amiga de curso Juliane que foi meu apoio e dividiu comigo todas as dúvidas e angústias dos últimos semestres. Foi minha dupla em todas as disciplinas que cursamos juntas. Passamos por muitos momentos de dificuldades e incertezas e agradeço por ter sido tão parceira em todo esse processo.

Às demais colegas e amigas Paula, Raquel, Marinna e Maria que estiveram presentes em grande parte do meu percurso acadêmico e trouxeram acolhimento e fortalecimento com suas palavras de carinho e amizade. Aos demais colegas da pedagogia que passaram pelo meu caminho e que de alguma forma contribuíram para minha formação.

À minha querida orientadora Prof^ª. Dra. Maria Isabel Filgueiras Lima Ciasca, exemplo e inspiração profissional, a ela palavras não são suficientes para expressar a gratidão que tenho por toda assistência e oportunidade que me proporcionou durante o período que estivemos juntas.

Às professoras da banca, Prof^a Ma. Nágila Rabelo Lima e Prof^a Dra. Claudiana Maria Nogueira de Melo, por contribuírem para o meu aprendizado. Nágila, uma amiga, sempre me auxiliando e ajudando no que precisei para a escrita do meu trabalho de conclusão de curso. Professora Claudiana, por quem tenho uma admiração pela maneira que ensina sobre alfabetização.

Aos técnicos da coordenação de Pedagogia, em especial o Thiago, por toda paciência e auxílio nos momentos de dúvida.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram com minha formação acadêmica e pessoal.

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso está centrado no estudo sobre um programa desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação denominado Alfa 3 e sua eficácia durante o tempo executado. A fundamentação teórica foi construída através de autores e estudiosos da área de alfabetização. A alfabetização é um processo de aprendizagem da leitura e escrita no qual existem vários métodos para sua aplicação, cabendo ao professor mediá-los de maneira assertiva para que os alunos participantes possam ler e escrever ao final. A pesquisa está inserida no tipo de estudo de caso e documental e dispõe de uma abordagem qualitativa. Como técnica de coleta de dados, utilizou-se a entrevista aplicada a duas professoras da rede municipal de Fortaleza, permitindo assim uma análise de suas falas. A importância deste trabalho pode ser observada ao destacar a proposta do Programa e a sua realidade em sala de aula. A partir da análise e discussões dos dados, verificou-se por meio das entrevistas aplicadas às participantes que, se o Programa tivesse sido executado da maneira como era proposto os resultados seriam bem melhores. Percebemos que apesar das respostas curtas das professoras, faltou melhor compreensão sobre o Alfa 3 por parte delas, apesar de ambas concordarem com a eficácia do programa. Concluímos, assim, que em alguns momentos o Alfa 3 foi eficaz, mas não foi colocado em prática da maneira esperada.

Palavras-chave: Alfa 3. Alfabetização. Métodos de alfabetização.

RESUMEN

Este trabajo de conclusión del curso se centra en el estudio de un programa desarrollado por el Departamento Municipal de Educación llamado Alfa 3 y su eficacia durante el tiempo ejecutado. La fundación teórica fue construida a través de autores y académicos en el área de la alfabetización. La alfabetización es un proceso de aprendizaje de lectura y escritura, dentro de esto hay varios métodos y corresponde al maestro mediar asertivamente, para que los estudiantes que están en este proceso terminen por saber leer y escribir. La investigación se inserta en el tipo de estudio de caso y documental y tiene un enfoque cualitativo. La técnica de recolección de datos utilizó la entrevista aplicada a dos profesores de la red municipal de Fortaleza, permitiendo así un análisis de sus discursos. La importancia de este trabajo se puede observar destacando la propuesta del proyecto y su realidad en el aula. A partir del análisis y discusión de los datos, se verificó a través de las entrevistas aplicadas a los participantes que si el Programa se hubiera ejecutado de la manera en que se propuso los resultados sería mucho mejor. Nos dimos cuenta de que a pesar de las respuestas cortas de los maestros, carecían de una mejor comprensión de Alpha 3, aunque ambos estaban de acuerdo con la eficacia del programa. Llegamos a la conclusión, por lo tanto, de que a veces Alpha 3 era eficaz, pero no se puso en práctica de la manera esperada.

Palabras chave: Alfa3. Alfabetización. Métodos de alfabetización.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Evolução de Aprendizagem em 2015	28
Figura 2 - Evolução de Aprendizagem em 2017	29
Figura 3 - Evolução de Aprendizagem em 2019	30

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Resultados de desempenho e participação - SPAECE ALFA	32
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Proporção de alunos que estão no adequado na competência de leitura e interpretação de texto até o 5º ano na rede Municipal de Ensino.....	27
Tabela 2 - Comparação com outras 4 escolas do mesmo Município no qual os alunos possuem nível socioeconômico (NSE) semelhante.	27
Tabela 3 - Evolução das taxas de aprovação nos anos iniciais.....	31

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALFA – Alfabetização

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

PNE – Plano Nacional de Educação

PPP – Programa Político Pedagógico

SME – Secretaria Municipal da Educação

SPAECE – Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. ALFABETIZAÇÃO	17
2.1 História da Alfabetização	17
2.2 Letramento e Alfabetização	18
2.3 Métodos de Alfabetização	19
2.4. Idade certa para alfabetizar	24
3. PROGRAMA ALFA 3	26
3.1. Dados de alfabetização sobre a Escola	27
3.2. Relação entre pesquisa e experiência	33
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
4.1 Tipo de Pesquisa	36
4.2 Locus da Pesquisa	36
4.3 Sujeitos da Pesquisa	37
4.4 Instrumentos e Técnicas de Coleta de Dados	37
5. ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS DADOS	39
6. CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS	44
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AS PROFESSORAS	46

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de Conclusão de Curso está centrado no estudo do programa Alfa 3, um programa da prefeitura Municipal de Fortaleza no qual propõe alfabetizar os alunos que estão no 3º ano do Ensino Fundamental, para que dessa maneira consigam acompanhar o andamento da turma, compreendendo que “a aprendizagem não se dá num mesmo ritmo para todos os aprendizes [...] eles não percorrem exatamente os mesmos caminhos.” (LEAL, 2005, p.89).

Por entender a importância do tema, a presente pesquisa tem como foco entender, analisar e perceber se o Programa em questão realmente teve eficácia e no que ele contribuiu para o aprendizado da pesquisadora. É perceptível que estamos em uma fase muito difícil no âmbito educacional e, por isso, cada vez mais a prefeitura propõe novos Programas para que as crianças saiam desse processo de alfabetização verdadeiramente alfabetizadas.

Para compreensão da importância do Programa também precisamos entender a importância de alfabetizar e o papel do professor nesse período tão importante do desenvolvimento do aluno. Entendemos que “Dentre as habilidades que precisam ser desenvolvidas pelos(as) professores(as), podemos elencar como uma das mais relevantes e difíceis, a de identificar as necessidades de cada aluno e atuar com todos ao mesmo tempo.” (LEAL, 2005, p. 91).

Para alcançarmos os resultados desejados, um breve histórico sobre a alfabetização será apresentado com seus métodos, com a importância do letramento na aprendizagem do aluno e com o papel do professor nesse processo para, então, compreendermos a proposta do programa Alfa 3 formalmente e como ocorreu na prática, dentro da sala de aula em uma escola Municipal de Fortaleza.

Nesse sentido, a importância da pesquisa consiste em apresentar os principais pontos a respeito desta realidade, visto que conteúdos sobre a temática da alfabetização no 3º ano do Ensino Fundamental é um pouco escassa.

O principal motivo para o estudo deste tema nasceu em decorrência da experiência vivida pela pesquisadora dentro do Programa Alfa 3, durante o período de um ano (05/2018 a 04/2019), no qual esteve observando como o programa foi aplicado nas turmas de 3º ano em uma Escola Municipal de Fortaleza a qual visa à alfabetização daqueles alunos que

estão com dificuldades na área da leitura e escrita para que pudéssemos refletir com o postulado teórico que diz:

Alguns alunos chegam à sala de aula já tendo certa familiaridade com as letras, sabendo nomeá-las e, alguns, até entendendo a lógica de junção dessas letras para formar palavras; outros chegam sem compreender que os símbolos que usamos (letras) são convenções sociais e acham que podem escrever com rabiscos ou mesmo com desenhos [...]. (LEAL, 2005, p.89).

Desse modo, esta pesquisa tem como objetivo geral: Analisar o Programa Alfa 3 ofertado aos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental – anos iniciais em uma escola municipal de Fortaleza. Sendo assim, foram desenvolvidos os seguintes objetivos específicos:

- Compreender como ocorre o processo de alfabetização;
- Perceber como o projeto Alfa3 funciona na escola municipal;
- Identificar as potencialidades e dificuldades na aplicação do Programa a partir de entrevistas com professoras da escola onde a pesquisa foi realizada.

Nesse sentido, para compreendermos os objetivos apresentados nesse trabalho, buscamos referências em estudos já consolidados para ajudar a construir o referencial teórico: (BERNARDES, 2002); (CARVALHO E MENDONÇA, 2006); (GALVÃO E LEAL, 2005); (SOARES, 2004).

A presente pesquisa está apresentada na seguinte disposição: Introdução, Capítulo II (conteúdo de um breve histórico sobre alfabetização, seus métodos, o papel do professor e a idade certa para alfabetizar), Capítulo III (informações sobre o Programa, suas finalidades, dados sobre a escola e a experiência vivida), Capítulo IV (procedimentos metodológicos da pesquisa), capítulo V (análises e discussões de dados), e, por fim, a conclusão. Este trabalho é um estudo de caso com uma análise qualitativa dos dados.

2. ALFABETIZAÇÃO

Na área da alfabetização existem vários autores com pensamentos similares e outros bem distintos. Para embasamento teórico deste capítulo trouxemos autores como Magda Soares, Maria Angélica Freire de Carvalho e Rosa Helena Mendonça, entre outros, que são estudiosos desta área.

2.1 História da Alfabetização

Antes de começarmos propriamente a discorrer sobre esse tema, iremos trazer um pouco de sua história para entendermos como era o processo de alfabetização, quais mudanças ocorreram ao longo dos anos, quais métodos eram utilizados, se eram eficazes e o surgimento de novas maneiras de ensino.

Segundo Carvalho e Mendonça (2006), diante da situação atual, predisposmos a pensar que antigamente a situação era melhor, pois “os professores eram mais qualificados e os alunos mais disciplinados” (p.15). Porém, ao analisarmos essa questão nos deparamos com muitos indivíduos que são analfabetos funcionais, “quer dizer, pessoas que, embora dominem as habilidades básicas do ler e do escrever, não são capazes de utilizar a escrita na leitura e na produção de textos na vida cotidiana ou na escola, para satisfazer às exigências do aprendizado.” (CARVALHO E MENDONÇA, 2006, p.15).

Saber ler e escrever no Brasil, no começo do século XIX, era um privilégio para as elites. Nesse período, apenas 0,20% da população brasileira era alfabetizada. Ao longo do século, algumas coisas foram mudando aos poucos, mas as taxas ainda continuavam baixas. (HALLEWELL, 1985 apud CARVALHO E MENDONÇA, 2006).

Somente no final dos anos noventa foi que o país conseguiu de fato expandir o acesso à escola, apesar de muitos Estados possuírem uma taxa alta de alunos fora do âmbito escolar. O problema do analfabetismo e do fracasso escolar é um reflexo dos problemas da sociedade, como desigualdade social, injustiça e exclusão social. Se pararmos para analisar estes fatos sociais, perceberemos que as escolas que possuem os piores rendimentos são aquelas localizadas em regiões precárias socialmente e economicamente falando (CARVALHO E MENDONÇA, 2006).

Dessa maneira podemos entender que as dificuldades de alfabetização não são recentes, elas já vêm desde o passado, persistindo em nosso país durante todo esse tempo. Porém, mesmo com todos esses obstáculos, percebemos que aos poucos estamos avançando nesta área (CARVALHO E MENDONÇA, 2006).

2.2 Letramento e Alfabetização

Compreender como a alfabetização tornou-se algo tão importante e tão discutido atualmente é de relevante necessidade. Precisamos também distinguir seus métodos e saber o porquê de não existir apenas um. Além disso, é essencial saber o papel que o(a) professor(a) tem nesse processo de aprendizado tão importante que é ensinar o(a) aluno(a) a aprender a ler e escrever.

Segundo Soares (2004), alfabetização e letramento devem andar lado a lado:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. (p.14).

Já para Carvalho e Mendonça, o letramento não necessariamente precisa estar associado à alfabetização, mas a mesma sempre deve estar associada ao letramento. Segundo as autoras:

O letramento abrange a capacidade de o sujeito colocar-se como autor (sujeito) do próprio discurso, no que se refere não só à relação com o texto escrito, mas também à relação com o texto oral. Logo, para uma concepção histórico-social do letramento, há de se considerar uma concepção de língua - e de linguagem - constitutiva das ações sociais. Ações que se organizam em enunciados que se criam e se recriam nas práticas comunicativas, configurando os variados gêneros e seus suportes, os quais podem ser vistos como o resultado das práticas discursivas convencionadas e institucionalizadas de comunidades discursivas específicas. (p.10).

É necessário saber que o letramento não é apenas a compreensão que o ser humano faz da escrita, ter que codificar ou decodificar as letras e números, mas, sobretudo, entender toda a cultura que a escrita traz. Soares (2004) mostra a diferença entre ambos em sua afirmativa:

[...] reconhecer a possibilidade e mesmo a necessidade de estabelecer a distinção entre o que mais propriamente se denomina letramento, de que são muitas as facetas – imersão das crianças na cultura escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos e gêneros de material escrito – e o que é propriamente a alfabetização, de que também são muitas as facetas – consciência fonológica e fonêmica, identificação das relações fonema–grafema, habilidades de codificação e decodificação da língua escrita, conhecimento e reconhecimento dos processos de tradução da forma sonora da fala para a forma gráfica da escrita. (p.15).

Apesar de o letramento não precisar, sob determinada ótica, vir associado à alfabetização, devemos entender a importância de ambos permanecerem lado a lado, pois entendemos a relevância de o aluno ter a compreensão do motivo desta forma de aprendizado, ou seja, compreender o porquê e a importância de aprender a ler e a escrever. Segundo Soares (2004) devemos entender “a importância de que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento” (p.16), entendendo que este se refere à primeira fase da aprendizagem da escrita, com a participação da leitura e escrita, e por consequência o desenvolvimento de aptidões do uso da leitura e escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita e de atitudes positivas relacionados a essas práticas.

2.3 Métodos de Alfabetização

Apresentamos a partir deste ponto a questão da diversidade de métodos que existem, pois nem todos os alunos aprendem a ler ou escrever da mesma maneira. Porém, ao longo da história, muitos aprenderam a ler e a escrever a partir da codificação e decodificação das letras, por isso a diversidade de métodos alfabéticos ainda é algo recente. Para definirmos o conceito básico de alfabetização, utilizaremos Soares (2005) que o traz de maneira bem simples: “chamamos de alfabetização o ensino e o aprendizado de uma outra tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica.” (p.24).

Atualmente, existem diversos métodos alfabéticos. Para entendermos melhor cada um deles, será apresentado o significado de cada um. Mas, antes, precisamos compreender também o conceito de método. Segundo Galvão e Leal (2005): “No sentido amplo, método é um caminho que conduz a um fim determinado. O método pode ser compreendido também como maneira determinada de procedimentos para ordenar a atividade, a fim de se chegar a um objetivo.” (p.17). Ou seja, na percepção da alfabetização, o método é um caminho para possibilitar o ensino e a aprendizagem da leitura e escrita (Galvão e Leal, 2005). Os métodos de alfabetização no geral são divididos em conjuntos: “os métodos sintéticos, os métodos analíticos e os métodos analítico-sintéticos. Por serem construções heterogêneas, esses grandes grupos possuem, cada um, variações que denotam seu dinamismo.” (GALVÃO E LEAL, 2005, p.17).

O primeiro método que iremos apresentar são os sintéticos. Eles foram os primeiros a serem utilizados na história e até hoje ainda são usados, apesar de não serem mais aplicados com tanta frequência. Segundo Galvão e Leal (2005): “[...] são os métodos que prevêm o início da aprendizagem a partir dos elementos estruturalmente ‘mais simples’, isto

é, letras, fonemas ou sílabas, que, através de sucessivas ligações, levam os aprendizes a ler palavras, frases e textos.” (p.18).

Ou seja, eles partem das pequenas unidades, como letras e sílabas, para depois irem para unidades maiores, como as palavras, frases e textos. Dentro dos métodos sintéticos existem três métodos importantes para que o mesmo seja colocado em prática. O primeiro deles é o alfabético que consiste no aluno memorizar e treinar o nome das letras para que a partir disto sejam formadas as sílabas. O segundo é o fônico no qual o indivíduo precisa associar os sons e as letras, ou seja, entre os grafemas e fonemas¹, eles começam a partir dos sons mais simples (as vogais) e depois para os mais complexos (as consoantes). E o terceiro é o silábico, pelo qual o estudante precisa memorizar os padrões silábicos para depois uni-los formando as palavras, começando pelas sílabas mais fáceis e seguindo para as mais difíceis. (GALVÃO E LEAL, 2005).

Os métodos sintéticos atualmente recebem algumas críticas, pois se tratam apenas de métodos de memorização e o aluno que está aprendendo desta maneira não é levado a compreender porque ele deve aprender a ler e escrever. Segundo Galvão e Leal (2005):

[...] as abordagens sintéticas parecem ignorar, definitivamente, o caráter significativo da escrita no seu processo de aquisição, o que provavelmente implica uma desmotivação para tal aprendizagem, além de não contribuir para auxiliar a criança a perceber a funcionalidade desse objeto para o cotidiano. (p.20).

O segundo método que iremos abordar são os analíticos cuja proposta é “um ensino que parte das unidades significativas da linguagem, isto é, palavras, frases ou pequenos textos, para depois conduzir análise das partes menores que as constituem (letras e sílabas)” (GALVÃO E LEAL, 2005, p.20). Dentro deste contexto, existem três métodos analíticos importantes colocados em prática. O primeiro deles é a palavração no qual parte de um conjunto de palavras com significado para o aluno, e a partir disto as sílabas são decompostas, chegando eventualmente nas letras, a palavra geralmente vem associada a uma imagem. O segundo é a sentencição no qual são mostradas frases para as crianças e, a partir destas, feitas decomposições em palavras, sílabas e letras. E o terceiro é o método global pelo qual a criança percebe a linguagem em seu aspecto global e a análise das partes menores deve ser um processo posterior, ou seja, esse método recorre a pequenos textos no qual serão

¹ “Grafema é letra, símbolo gráfico utilizado para constituir palavras. Fonema é a unidade sonora utilizada para formar e distinguir palavras. O grafema é a representação gráfica do fonema.” (MACHADO, 2016).

trabalhados com as crianças por um determinado período para só depois ser feito o reconhecimento das sentenças. A leitura é vista como um processo essencialmente visual. (GALVÃO E LEAL, 2005).

Os métodos analíticos utilizam-se também da memorização, mas não tanto quanto os sintéticos. Ao serem comparados podemos dizer que os analíticos se preocuparam mais com a significação das palavras, das frases e dos textos para a criança. Vejamos a reflexão abaixo e depois discorreremos sobre a mesma:

Uma característica fundamental dos métodos analíticos refere-se não só à preocupação com aspectos motivacionais, mas também a não diretividade do professor na condução do processo de aprendizagem. Isto é, a aquisição das letras e do valor da relação espaço-temporal entre elas é feito através de um processo de análise-síntese espontâneo e ocasional de palavras inteiras anteriormente memorizadas. Desta forma, privilegia-se, neste processo, o caráter de espontaneidade e ocasionalidade, isto é, o interesse ocasional espontâneo da criança. (ROAZZI, LEAL E CARVALHO, 1996 apud GALVÃO E LEAL, 2005, p.23).

Ou seja, para o ensino ser feito a partir de palavras e frases, estas devem ser significativas para a criança e devem fazer parte da sua realidade. Logo, não podemos trazer para a criança frases sem significação, por exemplo, sobre frutas estrangeiras ou até mesmo o nome dessas frutas, pois aquilo não faz parte de sua realidade. Deve-se trabalhar com palavras, frases e textos que cercam aquele(a) aluno(a) e que estejam presentes em seu cotidiano.

O terceiro método que iremos aqui apresentar são os analítico-sintéticos, os quais “partem de um processo que começa em um estágio de conhecimento global (palavras, frases, textos), para, logo em seguida, passar a um estágio analítico-sintético, caracterizado pela decomposição das palavras em letras ou em sílabas” (Galvão e Leal, 2005, p.23). Como exemplo, podemos trazer aqui o método de Paulo Freire que consiste em “[...] método de palavrção global não-fonético, no qual as palavras são selecionadas dentro do universo vocabular dos alunos” (GALVÃO E LEAL, 2005, p.24).

E após entendermos o funcionamento destes métodos fica a dúvida de qual deles é o melhor para ser utilizado no processo de alfabetização do educando. Soares (2016) responde que:

No estudo da alfabetização como processo cognitivo num quadro de desenvolvimento e do objeto que é a língua escrita, vê-se que a criança precisa, sim, aprender as relações fonema/grafema. A perspectiva fonológica deixa isso muito claro. Se você escreve registrando o som, claro que a criança tem de perceber o som e compreender que quando se escreve não se escreve a coisa em si, mas o som com

que você se refere à coisa. Então, o processo de relação fonema/grafema está implícito, presente, quer queira, quer não. Está presente no construtivismo, pois se a criança vai descobrindo, se apropriando da língua escrita, de acordo com a terminologia do construtivismo, o que é essa apropriação? É descobrir essa relação fonema/grafema, grafema/fonema. Só que o fônico faz isso de forma sistemática, porque cai num método. E o construtivismo não faz isso de forma sistemática porque resolve sistematizar outras coisas, como o convívio da criança com a escrita etc. Então é isto e aquilo. Não há como reduzir a complexidade do processo a um método, se você entende método como modo de agir alicerçado em fundamentos teóricos.

Entende-se, a partir disto, que não é simplesmente escolher um método de alfabetização e aplicá-lo. É preciso ter vários métodos para ensinar uma criança a ler e escrever, pois todos aprendem de maneiras diferentes e cabe ao professor entender a particularidade de seus educandos.

Porém, a partir da década de 80, os métodos de alfabetização passaram a ser questionados, pois houveram novas discussões em relação a como alfabetizar. Dessa maneira, Mortatti (2006) traz a motivação deste questionamento:

[...] essa tradição passou a ser sistematicamente questionada, em decorrência de novas urgências políticas e sociais que se fizeram acompanhar de propostas de mudança na educação, a fim de se enfrentar, particularmente, o fracasso da escola na alfabetização de crianças. (p.10)

A partir destes questionamentos, apresentou-se no Brasil o pensamento construtivista, no qual “[...] se apresenta, não como um método novo, mas como uma ‘revolução conceitual’, demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização [...]”. (MORTATTI, 2006, p. 10). Dessa maneira, iniciou-se um conflito entre aqueles que defendiam os métodos de alfabetização antigos e aqueles que começaram a defender o construtivismo. Com isso, segundo Mortatti (2006):

[...] a multiplicidade de problemas que enfrentamos hoje a respeito do ensino inicial da leitura e escrita, as dificuldades decorrentes, em especial, da ausência de uma “didática construtivista” vêm abrindo espaço para a tentativa, por parte de alguns pesquisadores, de apresentar “novas” propostas de alfabetização baseadas em antigos métodos, como os de marcha sintética. (p.12).

Alfabetizar não é algo tão simples quanto parece. Segundo Soares “é consenso que o professor de qualquer disciplina tem de saber o conteúdo para saber ensiná-lo. [...] para alfabetizar, é como se não houvesse algo que se tem de saber. É como se a pessoa, sabendo ler

e escrever, soubesse automaticamente alfabetizar. O que não faz sentido” (2016). Portanto, a maneira que o professor utiliza para alfabetizar um aluno é muito importante.

Para ser um professor e trabalhar alfabetizando alunos(as) há a exigência de alguns cuidados em especial. Deve-se analisar os métodos, dotar-se dos seus direcionamentos, como já falado anteriormente, e o mais importante: “Cabe então ao professor, mais do que alfabetizar, realizar o letramento de seus alunos, isto é, habilitá-los a exercer amplamente a condição que decorre do fato de terem-se apropriado da leitura e da escrita.” (CARVALHO E MENDONÇA, 2006, p.163).

É dever do professor, assim, instruir seus alunos a desejarem buscar as diversas possibilidades de conhecimento dos textos acessíveis, incentivá-los e levá-los à interação com as práticas sociais de cultura no qual a leitura está inserida. Muitos alunos, entretanto, não estão inseridos em ambientes letrados, demandando uma atuação mais objetiva do educador para que elas sejam inseridas nesse mundo cultural a fim de conseguirem atribuir a importância devida à leitura e à escrita e entender a autonomia que este aprendizado proporcionará (CARVALHO E MENDONÇA, 2006).

Mas o professor não deve agir como um ditador do conhecimento, ele deve agir como um mediador do ensino. Segundo Carvalho e Mendonça (2006):

Compreender esta situação, em toda a sua complexidade, é condição indispensável para uma atuação docente responsável e comprometida. Através dela, a comunicação e o conhecimento se tornam motivos de cooperação entre os alunos e o professor e, todos juntos, podem organizar uma comunidade de compreensão próxima. Nela, o professor deixa de ser um transmissor de informações e passa a disponibilizar meios e modos de participação, propondo e orientando Programas de trabalho, acompanhando e estimulando os grupos, oportunizando-lhes diferentes formas de interação e prática cultural. (p.163)

Ou seja, o professor deve buscar maneiras de mediar o ensino para seus alunos de uma maneira leve e de fácil acesso para que o mesmo não trate o ensino como algo desnecessário e cansativo. Segundo Leal (2005) para realizarmos nosso papel como professores alfabetizadores é preciso ter alguns tipos de saberes:

[...] (1) o que é alfabetização, articulando tal conceito ao de letramento, para garantirmos, de fato, a formação de alunos leitores e produtores de diferentes espécies de textos; (2) o que é esse objeto de ensino, a escrita alfabética, além de compreendermos o que é texto, gênero textual e termos concepção clara sobre os princípios gerais que adotamos nos processos de ensino e de aprendizagem; (3) quais são as hipóteses que os alunos elaboram e, conseqüentemente, o que sabem e não sabem ainda sobre a escrita alfabética, sabendo diagnosticar com clareza o grau de conhecimento que possuem sobre o sistema, além de conhecermos o grau de letramento1 desses alunos e os tipos de evento de letramento de que fazem parte; (4)

os percursos que fazem na apropriação desse sistema e as estratégias de aprendizagem que utilizam, articulando a aprendizagem do sistema às aprendizagens gerais sobre o funcionamento da língua e sobre os textos; (5) os tipos de intervenção didática que são utilizados para ajudá-los a percorrer esses caminhos, assim como as conseqüências dessas diferentes intervenções pedagógicas; entre outros. (p.90).

Para sermos professores alfabetizadores competentes devemos entender a dificuldade de cada estudante, ter o olhar atento sobre cada um e atuar com todos ao mesmo tempo, mesmo que as necessidades sejam diferentes, ou seja, “Para finalizar, retomamos a ideia de que alfabetizar é uma atividade complexa, que exige profissionalização, planejamento, conhecimentos de diversos tipos, e compromisso, sendo necessário, portanto, dedicarmo-nos ao estudo e ao desenvolvimento de nossas próprias capacidades.” (LEAL, 2005, p.109).

2.4. Idade certa para alfabetizar

Quando falamos sobre idade certa para alfabetizar, logo nos vem o questionamento sobre qual faixa etária ideal para uma criança ser alfabetizada. No Brasil, existem “diferentes documentos oficiais sem consenso entre si quanto à série em que se espera que a criança esteja alfabetizada, além de divergências quanto a métodos e como medir os avanços das crianças nessa etapa.” (IDOETA, 2020).

Segundo o Plano Nacional de Educação (2014). Meta 5, suas estratégias dizem o seguinte:

5.1) estruturar os processos pedagógicos de alfabetização, nos anos iniciais do ensino fundamental, articulando-os com as estratégias desenvolvidas na pré-escola, com qualificação e valorização dos (as) professores (as) alfabetizadores e com apoio pedagógico específico, a fim de garantir a alfabetização plena de todas as crianças; 5.2) instituir instrumentos de avaliação nacional periódicos e específicos para aferir a alfabetização das crianças, aplicados a cada ano, bem como estimular os sistemas de ensino e as escolas a criarem os respectivos instrumentos de avaliação e monitoramento, implementando medidas pedagógicas para alfabetizar todos os alunos e alunas até o final do terceiro ano do ensino fundamental;

O PNE prevê que o processo de alfabetização aconteça até o 3º ano do Ensino Fundamental, considerado o último ano para que o aluno saísse alfabetizado de maneira satisfatória. Porém, atualmente espera-se que esse processo se consolide no 2º ano do Ensino Fundamental. Segundo a Base Nacional Comum Curricular (2017):

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos. (p.59).

Com isso existem muitas dúvidas e incertezas vindas dos pais e educadores da rede pública por existir vários documentos com diferentes visões sobre a idade certa de a criança ser alfabetizada. Entretanto, algumas estudiosas da área de alfabetização afirmam que:

[...] não existe uma idade única tida como ideal — e que a alfabetização deve ser vista como um processo de erros e acertos, com estratégias que podem começar na educação infantil e que devem se estender até os 8 anos de idade (3º ano do fundamental), em que as crianças podem ter ritmos distintos entre si (IDOETA, 2020).

Assim podemos notar que o processo de alfabetizar não deve ser com uma idade específica, isto é, um processo que ocorre desde a educação infantil no qual o aluno passa a ter “professores lendo diariamente livros diferentes com as crianças, mostrando às crianças com qual letra seus nomes começam [...]” (IDOETA, 2020).

Inserir o aluno aos poucos no universo da leitura e escrita é um fator importante para que ele se acostume com essa rotina, com o intuito de chegar ao 2º ou 3º ano do Ensino Fundamental e não ter uma quantidade enorme de informações sobre a leitura e escrita. Facilitando assim a compreensão da criança sobre este universo tão relevante.

3. PROGRAMA ALFA 3

A seguinte pesquisa teve como objetivo mostrar a proposta do programa Alfa 3 e a realidade do Programa em sala de aula, durante o período de um ano, em uma escola Municipal de Fortaleza. Devido ao índice de alunos que não estavam atingindo um nível adequado de aprendizagem, um fato semelhante ao notificado em literatura acadêmica ocorreu, estimulando ainda mais nossa problematização, pois “A resposta por parte dos educadores diante deste problema impulsionou a execução de diversos programas educacionais ao combate do problema do fracasso escolar” (BERNARDES, 2002, p.115).

Apresentamos a seguir a finalidade do programa, encontrado na plataforma municipal de apoio aos educadores, para conscientização metodológica:

I - alfabetização, letramento e melhoria do desempenho em Língua Portuguesa das crianças do 3º ano do Ensino Fundamental; II - redução do abandono, da reprovação, da distorção idade/ano, mediante a implementação de ações pedagógicas para melhoria do rendimento e desempenho escolar; III - melhoria dos resultados de aprendizagem do Ensino Fundamental nos Anos Iniciais. (FORTALEZA, 2018).

Nesse contexto, o(a) estagiário(a) ou assistente de alfabetização do programa Alfa 3, função desempenhada pela autora da presente pesquisa, exerce papel ativo e direto de interação com os professores e os alunos para realizar de forma objetiva a finalidade abaixo descrita:

a) Realizar atividades de alfabetização com os estudantes; b) Trabalhar em parceria com o professor de forma que as atividades, metodologias e conteúdos estejam em consonância com o trabalho desenvolvido nas turmas de 3º ano; c) Cumprir a carga horária de acordo com as diretrizes e especificidades do Programa; d) Acompanhar o desempenho escolar dos alunos; e) Cumprir com responsabilidades, pontualidade e assiduidade suas obrigações junto ao Programa; f) Participar das formações em serviço realizadas pela SME/Distritos de Educação; g) Desenvolver as atividades do Programa, conforme as diretrizes e orientações pedagógicas sugeridas pela SME/Distritos de Educação. h) As atividades desempenhadas pelos Assistentes de Alfabetização do Programa ALFA 3 serão consideradas de natureza voluntária na forma definida pela Lei Federal 9.608/1998 e Lei Municipal 10.194/2014, sendo obrigatória a celebração do Termo de Adesão e Compromisso do Voluntário. (FORTALEZA, 2018).

As finalidades supracitadas cooperam para alcançar o objetivo do programa Alfa 3 cuja base é “alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental” (BRASIL, 2017), a fim de que nenhuma criança terminasse o 3º ano sem saber ler e escrever.

3.1.Dados de alfabetização sobre a Escola

Para compreendermos se a escola em questão está com um nível satisfatório de aprendizado em língua portuguesa, traremos aqui de alguns comparativos expostos na forma de tabelas. A escola da pesquisa será representada como Escola X.

Tabela 1 - Proporção de alunos que estão no adequado na competência de leitura e interpretação de texto até o 5º ano na rede Municipal de Ensino.

Escola X	Brasil	Ceará	Fortaleza
73%	55%	64%	65%

Fonte: Dados retirados do QEdu.org.br, tabela elaborada pela autora.

Podemos perceber pelos dados tabelados que o índice da Escola X é de 73%, percentual categorizado como satisfatório em comparação as escolas municipais do Brasil, nas quais a porcentagem é de 55%. O Ceará com 64% e Fortaleza com 65%, apesar de estarem abaixo do índice da escola X, apresentam-se acima da média nacional, permitindo-nos pensar que esses valores são significativos para uma análise da metodologia aplicada em suas políticas educacionais. Porém, os resultados demonstrados na Escola X revelam um altíssimo índice já que supera com sobras os níveis percentuais quando a leitura é feita em âmbito estadual e nacional.

Tabela 2 - Comparação com outras 4 escolas do mesmo Município no qual os alunos possuem nível socioeconômico (NSE) semelhante.

Escola X	Escola A	Escola B	Escola C	Escola D
73%	73%	67%	61%	52%

Fonte: Dados retirados do QEdu.org.br, tabela elaborada pela autora.

O comparativo entre a Escola X e outras quatro escolas do mesmo Município revelam informações importantes. Percebemos que muito embora os níveis das demais são relativamente altos a escola X se destaca entre as demais possuindo o maior índice adequado na competência de leitura e interpretação de texto, apresentando 73% de percentual. A Escola A se iguala a porcentagem da X e ambos os índices revelam também paridade dos trabalhos dos educadores na formação dos infantes, porém as outras três escolas têm um índice menor, sendo eles: 67% da escola B, 61% da C e 52% da escola D.

Abaixo, apresentamos a comparação do IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica da própria escola em anos diferentes para verificarmos a evolução educacional dos alunos em questão nos quesitos “Aprendizado” e “Aprovação”.

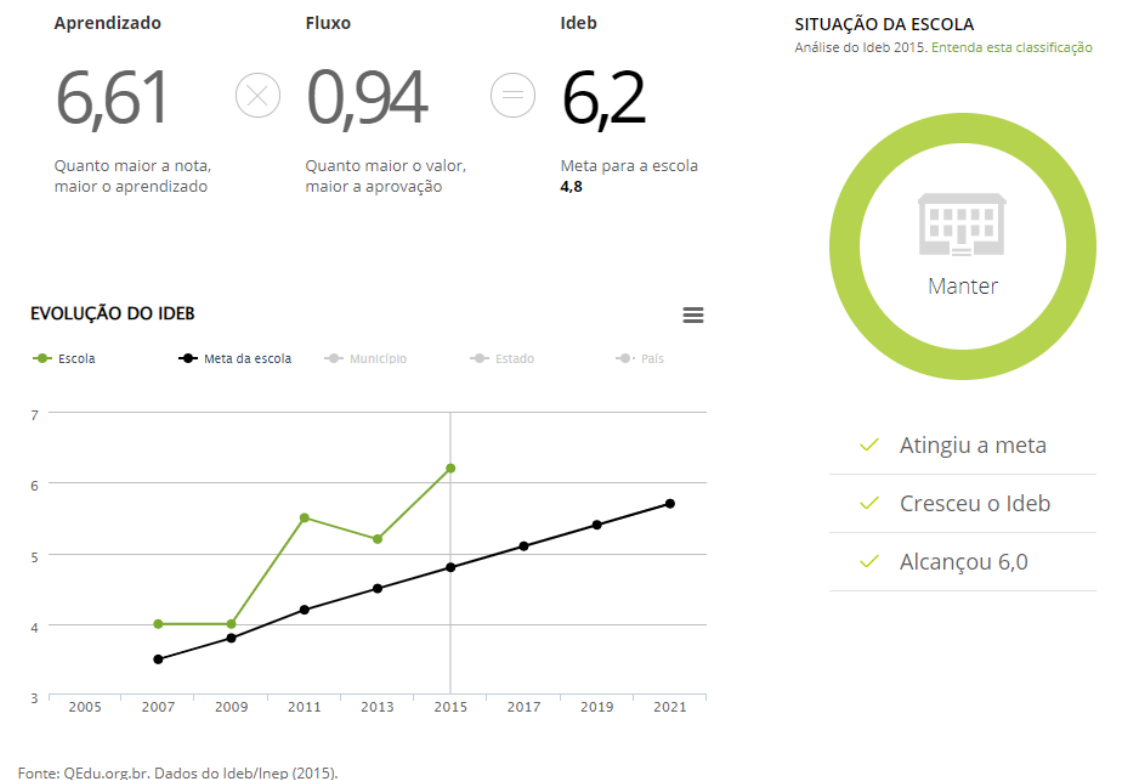


Figura 1 - Evolução de Aprendizagem em 2015

Pelos dados podemos perceber que a situação da Escola X foi favorável e atingiu mais do que a meta proposta pelo IDEB. A meta programada para a escola era de 4,8 e como obteve 6,61, na nota de aprendizado, e 0,94, em aprovação, após o cálculo resultou num índice de 6,2. Desta maneira, a escola ultrapassou a meta proposta pelo IDEB em 29,16%, percentual que demonstra uma considerável evolução no desenvolvimento da aprendizagem.

Além disso, podemos verificar que entre os anos de 2007 e 2015 houve um crescimento do índice de 55%, superando, inclusive, a programação da meta de 2021.

A seguir, outro gráfico é apresentado com o lapso temporal de 10 anos, contemplando o período de 2007 a 2017, diferente do anterior para verificarmos suas particularidades.

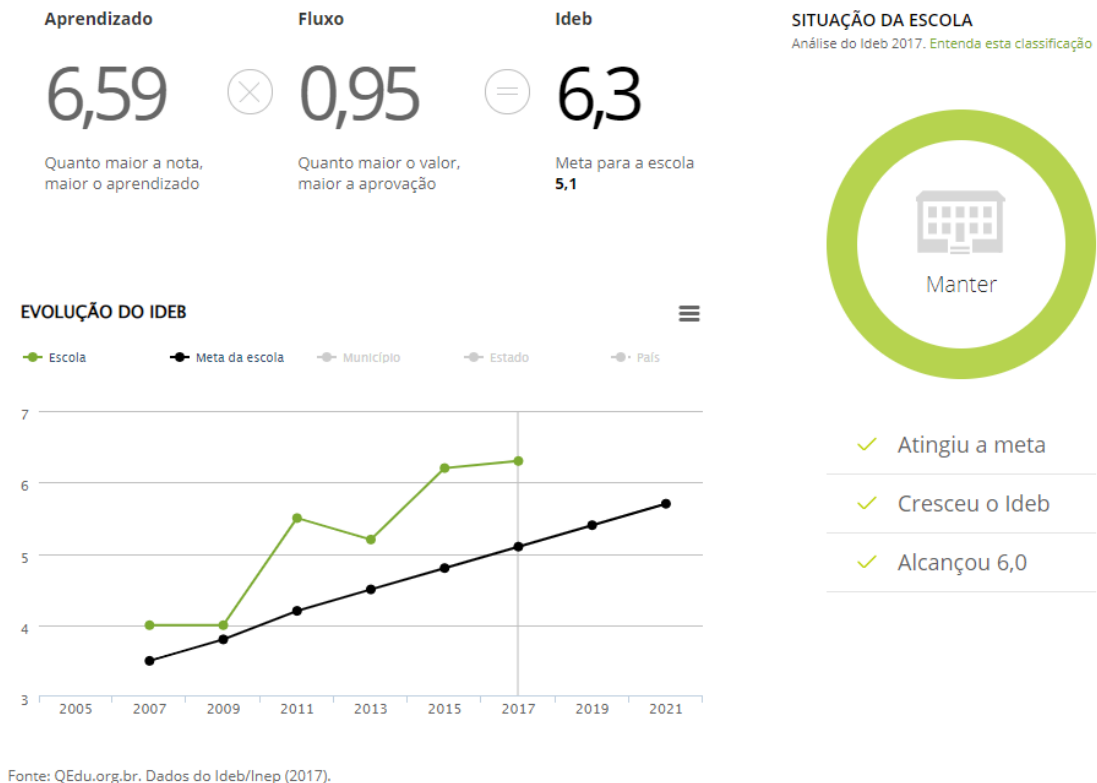
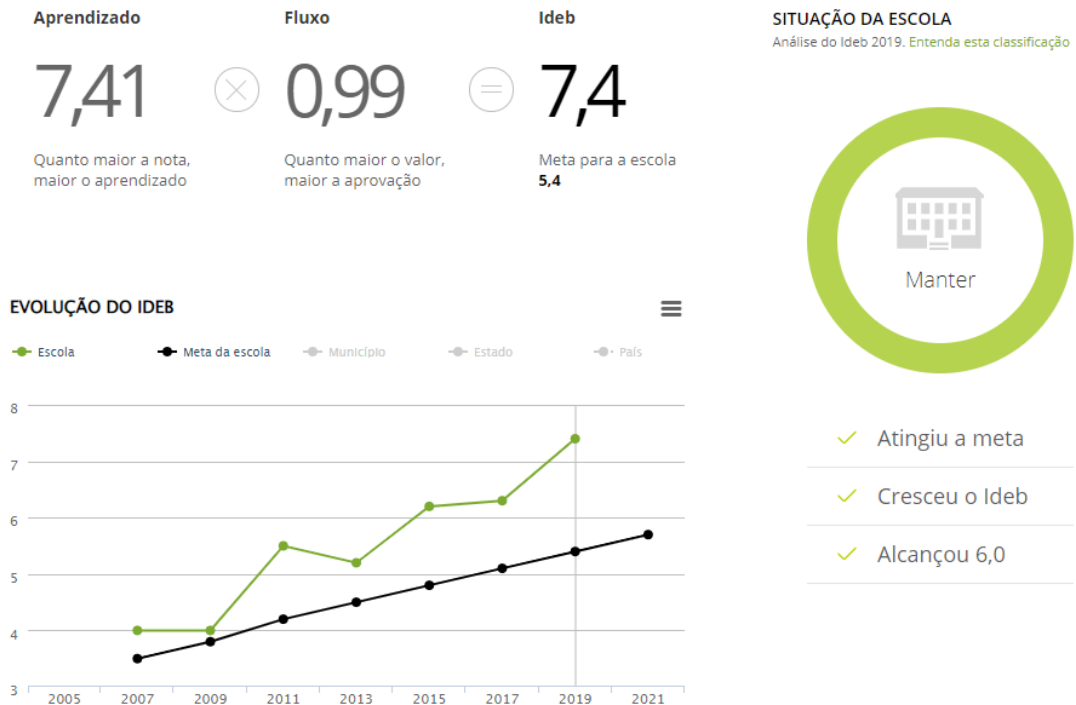


Figura 2 - Evolução de Aprendizagem em 2017

Na imagem acima podemos notar que a situação da escola também foi favorável e atingiu mais do que a meta proposta pelo IDEB de 5,1. A escola obteve 6,59 na nota de aprendizado e 0,95 em aprovação, resultando um total de 6,3 e ultrapassando a meta proposta pelo IDEB. Desta maneira, a escola ultrapassou a meta original proposta pelo IDEB em 23,52%, percentual que demonstra mais uma vez uma considerável evolução no desenvolvimento da aprendizagem. Se fizermos o mesmo cálculo feito no gráfico anterior, chegaremos a novos resultados positivos, senão vejamos: de 2007 a 2017 verificamos o aumento percentual da meta de 57,5% com o índice de 6,3 alcançado. Este novo percentual superou inclusive o período de 2007-2015, ora apresentado no percentual de

55%. Este índice revela que até o presente ano a curva gráfica está em ascensão, demonstrando superar mais uma vez o índice de 2021.



Fonte: QEdu.org.br. Dados do Ideb/Inep (2019).

Figura 3 - Evolução de Aprendizagem em 2019

Nesta última imagem podemos perceber que a situação da escola também foi favorável e atingiu mais do que a meta proposta pelo IDEB de 5,4. A escola obteve 7,41 na nota de aprendizado e 0,99 em aprovação, resultando um total de 7,4 e ultrapassando a meta proposta pelo IDEB. A escola ultrapassou a meta original proposta pelo IDEB em 37,03% e o novo resultado ascendente de 2007 a 2019 foi de 85%. Esses percentuais demonstram mais uma repetição da considerável evolução no desenvolvimento da aprendizagem. Se fizermos o mesmo cálculo feito no gráfico anterior, chegaremos aos novos resultados positivos considerando os períodos em observação, vejamos: 2007-2015 percentual de 55%, 2007-2017 percentual de 57,5% e, agora, de 2007-2019 percentual de 85%. Este índice revela que até o ano de 2019 a curva gráfica está em ascensão, demonstrando sempre superar o índice da meta programado e o índice da meta da escola de 2021.

Tabela 3 - Evolução das taxas de aprovação nos anos iniciais

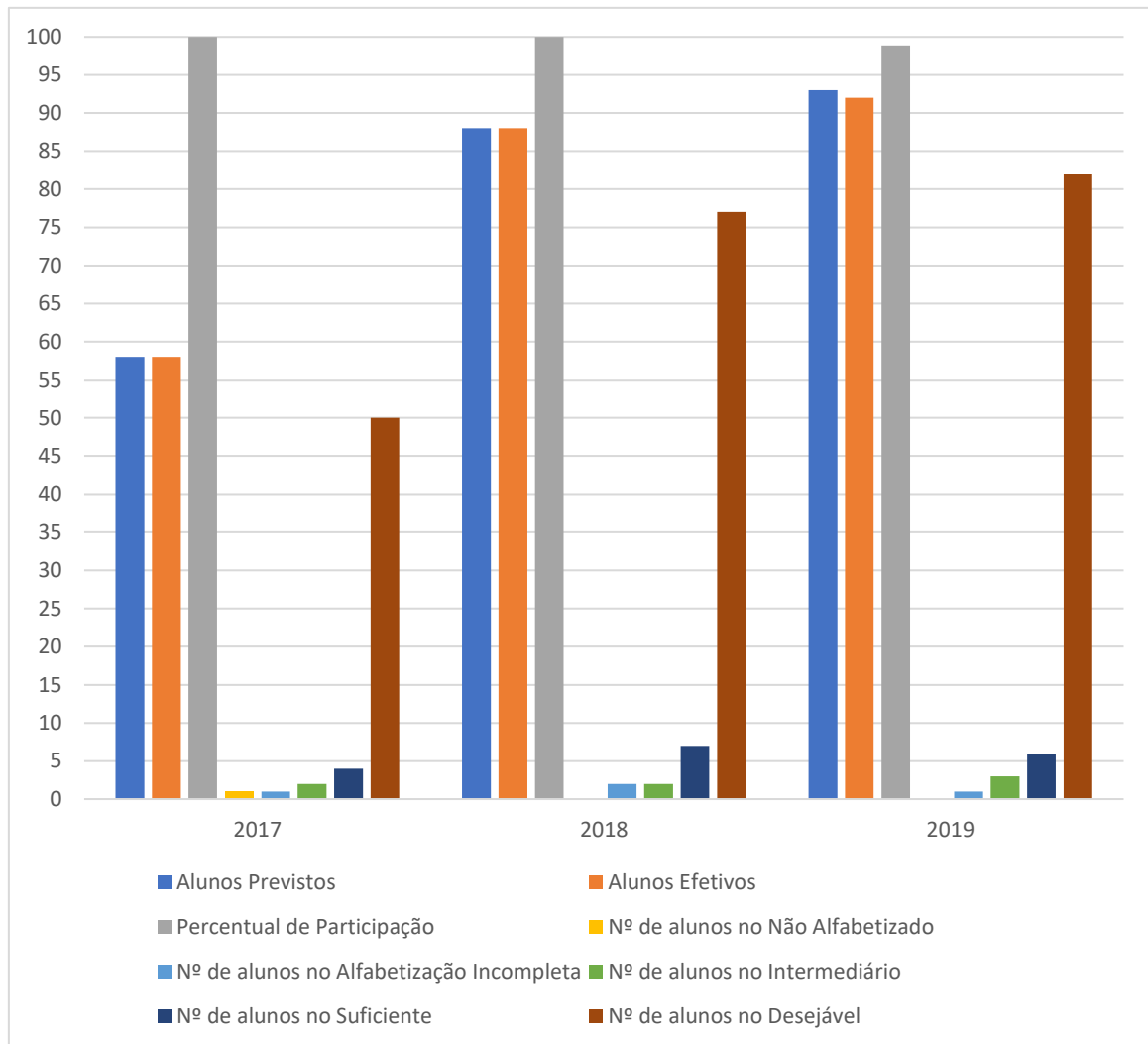
	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
2015	97,5%	100%	90,7%	88,1%	96,4%
2017	100%	100%	93,0%	86,1%	98,1%
2019	100%	100%	97,4%	100%	100%

Fonte: Dados retirados do QEdu.org.br, tabela elaborada pela autora.

Podemos notar que ao longo dos anos a escola teve uma melhora nos seus resultados que já eram positivos. Em 2015, o 1º ano atingiu 97,5% de aprovação e teve resultado de 100% nos anos de 2017 e 2019. O 2º ano obteve aprovação de 100% nos três anos observados. Já o 3º ano, em 2015, alcançou um percentual de 90,7%; em 2017 atingiu 93,0% e em 2019 obteve 97,4% de aprovação. O 4º ano em 2015 alcançou 88,1% de aprovação, em 2017 atingiu o seu menor percentual com 86,1% e em 2019 teve um avanço e obteve 100% de aprovação. E por último, o 5º ano em 2015 atingiu 96,4% de aprovação, em 2017 obteve 98,1% e em 2019 atingiu 100% de aprovação.

Percebemos que a escola a cada ano que passou conseguiu evoluir um pouco mais, porém notamos que o 3º ano, mesmo com os índices de aprovação bem altos, não atingiu 100% em nenhum dos anos analisados. Enquanto todas as outras turmas em algum momento conseguiram esse percentual.

Gráfico 1 - Resultados de desempenho e participação - SPAECE ALFA



Fonte: Dados tirado do seduc.ce.gov.br, gráfico elaborado pela autora.

Ao analisarmos o gráfico acima, percebemos que a escola realmente possui índices elevados. Em 2017, a quantidade de alunos previstos era de 58 e todos eles participaram da avaliação do Spaece Alfa (alunos efetivos). Com isso, obtiveram um percentual de participação de 100%. Um aluno apenas não foi alfabetizado, um estava com alfabetização incompleta, dois alunos estavam no intermediário, quatro estavam no suficiente e cinquenta crianças atingiram o nível desejado de alfabetização.

Em 2018, os alunos previstos eram 88 e todos participaram do Spaece Alfa (alunos efetivos), obtendo assim 100% de participação das crianças. Neste ano, nenhum aluno terminou o ano sem ser alfabetizado, dois estavam com alfabetização incompleta, dois no intermediário, sete estavam no suficiente e setenta e sete estavam no nível desejável.

Em 2019, os alunos previstos eram 93, porém 92 alunos participaram do Spaece Alfa, obtendo assim 98,9% de participação das crianças. Neste ano, nenhum aluno terminou o ano sem ser alfabetizado, um estava com alfabetização incompleta, três estavam no nível intermediário, seis estavam no suficiente e oitenta e dois atingiram o nível desejado.

Percebemos que os índices da escola no Spaece Alfa durante esses três anos foram bem elevados, apesar disso no ano de 2019 a turma do 3º ano do Ensino Fundamental possuía muitos alunos que não estavam alfabetizados. E isso será observado no tópico seguinte.

3.2.Relação entre pesquisa e experiência

Apesar de a escola possuir índices satisfatórios de aprendizagem e aprovação, o Programa Alfa 3 não funcionava de acordo com as orientações dadas pelas formações. Como visto anteriormente, uma das finalidades do assistente de alfabetização era trabalhar em parceria com o(a) professor(a) em sala de aula. Ao entrar no programa, o estagiário passava por uma formação inicial, através do qual era explicado todo o processo e como deveriam agir em sala de aula. E ao decorrer do ano, uma vez por mês, os estagiários tinham uma formação para falar sobre como o Programa estava seguindo.

Segundo a formação dada pela SME, o professor deveria ministrar aulas normalmente para todos os seus alunos e ao passar as atividades de sala os alunos deveriam ser separados em dois grupos na própria sala de aula. O primeiro grupo seria daqueles alunos que estão nos níveis I e II, correspondendo aos níveis pré-silábico e silábico, ou seja, alunos que possuem dificuldades na leitura e escrita. E no segundo grupo os níveis III e IV, correspondendo aos níveis silábico alfabético e alfabético ortográfico.

A função do professor ao ter um assistente de alfabetização era auxiliar os alunos dos níveis I e II, ajudá-los a melhorar na leitura e escrita fazendo atividades relacionadas às suas dificuldades. Já os assistentes auxiliariam os níveis III e IV, tirando dúvidas nas atividades relacionadas ao seu nível. E o estagiário não deveria ser separado do professor, ambos deveriam permanecer na mesma sala.

Porém, ao adentrar no âmbito escolar e começar a execução do programa de fato, pode-se perceber que não é dessa maneira que tudo acontece. O assistente de alfabetização passa a acompanhar aqueles alunos que estão nos níveis I e II e o professor auxilia os

estudantes dos níveis III e IV, assim invertendo os papéis e a função do assistente e do professor.

Antes do início das aulas os grupos I e II eram enviados para outra sala junto com o assistente para que este realizasse atividades de alfabetização com as crianças. Porém, era algo difícil, já que o mesmo não recebia orientações de como deveria realizar tais atividades. Por ser apenas estagiário não era reservado tempo de planejamento em seu horário, como o professor de sala que tem um dia reservado para planejar as atividades que seriam feitas no decorrer da semana.

Para não deixar os alunos sem atividades, o estagiário sempre procurava trazer o que aprendia na universidade para sala de aula. Usava o que tinha disponível como jogos e atividades de alfabetização. Mas por não ter experiência, tinha muitas dúvidas sobre se fazia a utilização dos jogos de maneira correta. Segundo Leal, Albuquerque e Leite (2005) “[...] o professor desempenha papéis fundamentais, mediando as situações e criando outras situações extra-jogo para sistematização dos conhecimentos. É assumindo esse pressuposto que defendemos a utilização de jogos na alfabetização.” (p.117).

Um dos jogos mais utilizados pelo estagiário era o jogo da forca. A atividade começava através da leitura de um pequeno texto e identificação de palavras do cotidiano, após esse primeiro momento o jogo era iniciado.

No jogo da forca, por exemplo, que nos é muito familiar, aprendemos rapidamente algumas estratégias que podem retardar nosso “enforcamento”, e uma delas é a de começar dizendo as vogais, uma vez que todas as palavras seguramente as possuem. Entre as vogais, sabemos, ainda, intuitivamente, que a letra A é muito comum, e no geral começamos por ditá-la. Essas dicas que aprendemos à medida que jogamos, têm relação com os princípios do nosso sistema de escrita alfabético. Assim, cabe ao professor, ao trazer esse jogo para a sala de aula, saber explorá-lo, considerando os aspectos que podem ser contemplados. No caso desse jogo, ele constitui ótima atividade de reflexão sobre uma das características do nosso sistema de escrita: a de que as palavras são formadas por sílabas e que todas as sílabas têm ao menos uma vogal. (LEAL, ALBUQUERQUE E LEITE, 2005, p. 118).

Eram feitas também atividades disponibilizadas pela coordenadora do colégio. Atividades para formar palavras, separar sílabas, procurar palavras no texto, entre outras. Porém, por não existir uma mediação adequada, pela falta de experiência do estagiário, muitas vezes as atividades se tornavam repetitivas para os alunos.

No final do ano de 2018 foi perceptível, apesar de todas as dificuldades que os alunos tiveram um pequeno avanço na questão da leitura e escrita. Porém, ainda não haviam conseguido atingir o nível IV, da escrita alfabética ortográfica. E alguns não tiveram nenhum avanço e acabaram sendo reprovados, voltando em 2019 novamente para o 3º ano.

No começo do ano de 2019, o índice de alunos que chegaram no 3º ano e não sabiam ler era altíssimo. Segundo uma conversa informal com as professoras, muitos alunos vieram de outras escolas e segundo elas esse era o motivo de muitos ali não dominarem a leitura e escrita. O estagiário tentou os mesmos métodos do ano anterior, fazendo uma mediação com um pouco mais de experiência. Porém, seu contrato finalizou em maio de 2019, não podendo assim ver o resultado da evolução daqueles alunos na leitura e escrita.

Analisando os dados de alfabetização no tópico anterior deste mesmo capítulo, podemos notar que os alunos tiveram um grande avanço, no qual 97,4% dos alunos foram aprovados. A partir desses resultados podemos entender que apenas 2,6% dos estudantes terminaram o ano com baixo desempenho. Então, podemos inferir que ao decorrer do ano tiveram uma melhora significativa.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo irá discutir a metodologia que foi abordada na pesquisa, mostrando o tipo de pesquisa, sujeitos que foram investigados e a análise dos dados coletados. Os dados foram organizados a partir das respostas dos sujeitos e serão explanados por meio de tópicos de análise, levando em consideração o roteiro da entrevista.

4.1 Tipo de Pesquisa

A pesquisa se insere no tipo estudo de caso e documental e possui uma abordagem qualitativa. Foi do tipo exploratório, que segundo Gil (2010):

[...] são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Esse tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. (p. 27).

4.2 Lócus da Pesquisa

A pesquisa foi feita na Escola X, Escola Municipal na cidade de Fortaleza/CE. A unidade escolar faz parte da rede oficial de ensino da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. A escolha da instituição se deu em razão da pesquisadora ter sido estagiária durante um ano nesta escola.

Segundo o documento do Programa Político Pedagógico da escola pudemos extrair o histórico da escola exposto a seguir.

A Escola X – Ensino Fundamental (anos Iniciais) “foi fundada no ano de 1951 e inaugurada no dia 30 de janeiro de 1955”. A escola recebeu seu nome em homenagem a uma professora e pedagoga que tinha um grande destaque no meio educacional em Fortaleza. No começo o funcionamento da escola ocorria nos turnos da manhã e da tarde, com aproximadamente 350 alunos matriculados.

Em 1991, “pela primeira vez a escola contou com a participação da comunidade na escolha da direção”, onde foram eleitas diretora e vice-diretora, permanecendo em seus respectivos cargos durante dez anos.

“Em 2001, após um árduo processo de eleição”, a professora que assumiu o cargo de diretora da escola realizou inúmeras modificações no âmbito escolar, tornando assim a Escola X “uma referência na aprendizagem dos alunos de 1º ao 5º ano”. A partir do ano de 2007, por uma decisão de gestores e professores, a escola optou por implementar a proposta de Alfabetização na Idade Certa.

Algum tempo depois a escola passou a ofertar a educação para a primeira infância, através do Centro de Educação Infantil X e continua oferecendo o Ensino Fundamental – Anos Iniciais. A escola tem turmas da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. Quanto aos professores, “O corpo docente é formado por 48 professores, qualificados em cursos de graduação e pós-graduação, o que vem contribuindo para a melhoria dos índices de aprendizagem, levando a escola a se destacar dentre as demais da rede municipal de ensino, colocando-se sempre nos primeiros lugares no índice de alfabetização dos alunos”.

Ainda segundo o PPP, “mesmo apresentando bons índices de rendimento escolar, o trabalho pedagógico que a escola desenvolve, confronta-se cotidianamente com a situação socioeconômica do bairro e seus arredores. Como parte integrante da sociedade, a escola é caixa de ressonância dessa mesma sociedade, refletindo suas condições estruturais”.

4.3 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos investigados foram duas professoras da Escola X, ambas professoras do 3º ano do Ensino Fundamental – anos iniciais. Elas foram escolhidas por terem trabalhado diretamente com a pesquisadora em questão quando esta participou do programa Alfa 3. Os sujeitos serão identificados por nomes fictícios.

A seguir será feito um breve resumo sobre o perfil das professoras investigadas nesta pesquisa.

Vilma é formada em Pedagogia e tem especialização em Administração Escolar. Leciona há 25 anos e tem 52 anos de idade.

Cláudia é formada em Pedagogia e tem especialização em Psicopedagogia. Leciona há 10 anos e tem 34 anos de idade.

4.4 Instrumentos e Técnicas de Coleta de Dados

Baseado no objetivo desta pesquisa, como técnica de coleta de dados utilizou-se a entrevista aplicada a duas professoras da escola Municipal.

[...] As entrevistas geram compreensões ricas das biografias, experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas. Entretanto, para alcançar isso, os pesquisadores sociais precisam entender a dinâmica das entrevistas, aprimorar a própria utilização do método e entender os diferentes métodos de conduzir entrevistas e de analisar dados, além de ter consciência de seus pontos fortes e limitações. (MAY, 2004, p.145).

Por isso, buscamos fazer a entrevista de maneira que as professoras se sentissem à vontade para responder as questões.

A entrevista foi realizada através do aplicativo de celular WhatsApp, pois devido a Pandemia do Covid-19, não foi possível realizá-la pessoalmente. Foi enviada uma primeira mensagem para as professoras indicando quem era a pesquisadora, o objetivo dela para aquele contato e se elas aceitariam participar. Ambas aceitaram e logo após foi feito o envio das perguntas e cada uma respondeu da maneira que se sentiu mais à vontade. Ambas responderam por mensagens de texto.

5. ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS DADOS

Aqui iremos apresentar as respostas das entrevistadas para as questões que foram feitas no formulário da pesquisa. Os tópicos abordados serão: conhecimento sobre os resultados da escola no Spaece Alfa e IDEB, conhecimento sobre o Programa Político Pedagógico da escola, finalidade do programa Alfa 3, melhorias no desempenho dos alunos que receberam apoio do Programa, eficácia do programa Alfa 3, papel da professora no Programa, formação para professores dentro do programa e se atualmente ainda estão ligadas ao programa com estagiários. Será feita a interpretação dos dados a partir do que foi dito pelas entrevistadas.

Em relação ao conhecimento sobre os resultados da escola no Spaece Alfa e IDEB, podemos perceber que as professoras têm conhecimento do fato de a Escola X ter bons resultados, como vimos nos capítulos anteriores. A resposta de ambas para esse questionamento foi apenas “Sim” que conheciam os resultados, mas não se aprofundaram em suas respostas.

No tópico sobre o conhecimento delas em relação ao PPP da escola, ambas também não se aprofundaram em suas respostas e apenas disseram que conheciam. Porém, não demonstraram conhecer a fundo e também não relataram se houve a participação de ambas na criação do mesmo.

Quando questionadas sobre conhecerem a finalidade do Programa, a professora Cláudia respondeu que “sim conheço o propósito do programa”, mas não se aprofundou em sua resposta. Já Vilma disse que o objetivo do Programa era “melhorar o nível de aprendizagem dos alunos”.

Podemos perceber que pelas respostas e comparando com o que já foi exposto no capítulo sobre o Programa Alfa 3, elas entendiam a finalidade do Programa, mas não houve a compreensão de como ele deveria ter sido colocado em prática, ou, então, não houve o convencimento para as professoras e elas não colocaram em ação a proposta correta do Programa.

Em relação à melhora dos alunos que receberam o apoio do Programa, as professoras responderam o seguinte: Cláudia – “Sim, tivemos muitos avanços nas crianças que ainda estão em processo de alfabetização”(sic). Vilma – “Melhoraram sim”. Como podem ver, de acordo com o tópico sobre os dados de alfabetização, os alunos tiveram um avanço.

Porém o avanço dos alunos corresponde aos métodos utilizados pelas professoras e não apenas pelo estagiário. Como foi visto no tópico sobre relação entre pesquisa e experiência, o estagiário não possuía a experiência e nem a formação completa para ser um professor alfabetizador. O programa teria mais eficácia se fosse executado da maneira proposta, assim os resultados seriam mais evidentes.

Ao serem questionadas sobre a eficácia do programa a resposta das entrevistadas foi a seguinte: Cláudia – “Sim, geralmente são muitos alunos que estão em níveis diferentes de alfabetização para uma professora conseguir atender, com o auxílio de uma outra professora facilita muito o processo”. Vilma – “Muito eficaz”.

Podemos, então, notar com a resposta da professora Cláudia que o objetivo do programa Alfa 3 não foi assimilado por ela de maneira correta. Segundo as formações que a SME ministrava para os estagiários, professores e assistentes não deveriam estar em salas separadas, ou seja, deveriam trabalhar em parceria, porém não foi o que aconteceu. Mas percebemos pela sua resposta que para ela era um alívio dividir seus alunos, pois ela não conseguia atender as dificuldades de todos os seus educandos. Com isso surgem os seguintes questionamentos: “Por que as professoras optaram por dividir estas crianças?”; “será que elas também sentiam dificuldades no trabalho pedagógico, com crianças que estão em níveis iniciais de escrita?”; “e a gestão? Como agiam perante esta situação?”.

Foi perguntado as professoras sobre o papel delas dentro do Programa. As respostas foram: Cláudia – “Eu como professora regente da sala dou a aula e explico o conteúdo para todos e na hora da atividade auxílio as crianças”. Vilma – “Sou professora do 3ano”. Através das respostas entendemos que as professoras não compreenderam que elas também são parte deste Programa, pensam que apenas o estagiário faz parte e que somente ele tem uma função dentro do programa.

Ao serem questionadas se receberam alguma formação do Programa Alfa 3, elas responderam: Cláudia – “Sim, na formação de professores da prefeitura”. Vilma – “Sim”. Aqui podemos notar que elas receberam formações para entenderem melhor a finalidade do Programa e como elas deveriam atuar dentro dele.

E por último elas foram questionadas se ainda estavam ligadas ao programa. Ambas responderam positivamente que ainda estavam ligadas ao Programa. E ao serem questionadas sobre contarem com outro estagiário em sala, as respostas foram a seguinte:

Cláudia – “Até o dia de entrarmos em quarentena por conta da pandemia tinha sim”. Vilma – “No momento estamos no isolamento social”.

Atualmente ambas as professoras ainda estão ligadas ao programa Alfa 3, mas devido a pandemia não estão ministrando aulas presenciais e estão sem estagiário. Elas relataram também as muitas dúvidas que tinham sobre o funcionamento do Programa durante a pandemia e após a mesma acabar.

Podemos observar que estas temáticas abordadas foram importantes para o desenvolvimento deste trabalho e alcance dos objetivos apresentados. As análises que aqui foram feitas colaboraram para obtermos conclusões mais assertivas e um parecer apropriado a respeito do assunto trabalhado.

6. CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo principal analisar o Programa Alfa 3 ofertado aos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental – anos iniciais em uma escola Municipal de Fortaleza.

Verificamos que o processo de alfabetização é essencial na vida do educando e pode ocorrer de várias maneiras. Através da análise feita, percebemos que os alunos que participaram do Programa alfa 3 eram alfabetizados através dos métodos sintéticos, no qual partem das pequenas unidades (letras e sílabas) para depois irem para as unidades maiores (palavras, frases e textos). Porém, antes de um aluno ser alfabetizado o professor deve buscar compreender como cada estudante irá desenvolver sua leitura e escrita. Neste momento ele tem um papel fundamental, ou seja, deverá buscar inúmeras possibilidades para incentivar as crianças e tornar o processo de alfabetização mais agradável ao educando.

O Programa Alfa 3 tinha como finalidade trabalhar com a alfabetização dos alunos como já visto, porém a execução do Programa em sala não ocorria de maneira esperada pelos formadores da SME, devido à falta de entendimento por parte das professoras de como o Programa deveria ser colocado em prática. A questão, entretanto, não deverá situar-se apenas no professor, pois as unidades superiores podem não estar cooperando efetivamente com o modelo de educação adotado.

A partir da análise e discussões dos dados, verificou-se por meio das entrevistas aplicadas às participantes que, se o Programa tivesse sido executado da maneira como era proposto os resultados seriam bem melhores. Percebemos que apesar das respostas curtas das professoras, faltou melhor compreensão sobre o Alfa 3 por parte delas, apesar de ambas concordarem com a eficácia do programa. Reconhecemos também que a forma de interação entre o entrevistador e o entrevistado pode ter dificultado o processo na aquisição de melhores informações visto que, em meio às dificuldades pandêmicas, não foi possível ver e expressar o calor e a paixão devidos pelos conteúdos questionados. Uma entrevista olho no olho geralmente consegue angariar melhores visualizações sobre os interesses, percepções e conhecimentos.

Sobre a eficácia do programa, uma informação que nos chamou bastante atenção foram os índices observados da escola serem bem elevados, contrariamente ao que nos induz a realidade, na qual verificamos muitos alunos chegarem ao 3º ano sem saber ler e escrever. Pudemos notar isso durante o período em que a estagiária participava do programa. E essa

situação nada agradável é algo difícil para as professoras, pois uma delas compartilhou que quando dividiam a turma com outra pessoa, no caso o estagiário, tudo se tornava mais fácil e com possibilidade de melhorar a condição dos alunos. Pela grande quantidade de educandos que geralmente tinham em sala, elas sentiam que não conseguiam lidar com as dificuldades individuais dos alunos sozinhas.

Do ponto de vista geral, concluímos que o programa teve certa eficácia já que os índices de leitura e escrita da escola, em especial no 3º ano, melhoraram no decorrer dos anos. Porém, entendemos que se o Programa Alfa 3 tivesse sido colocado em prática da maneira que a SME recomendava, os resultados poderiam ter sido melhores e as professoras não se sentiriam tão sobrecarregadas. Além disso, pode existir nas professoras um sentimento de solidão que geraram angústias por não estarem conseguindo um êxito maior, ou seja, um desencantamento com a espera de uma assistência maior voltada para elas por parte da coordenação, da diretoria e da secretaria de educação do município. Desejaram fazer cumprir seu papel de educadoras pelos caminhos instituídos nas normas e manuais, mas sem a devida condição estrutural, tornou-se difícil até mesmo para quem tem anos de magistério e dedicação ao ofício.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; COUTINHO, Marília Lucena; GALVÃO, Andréa Cavalcanti; LEAL, Telma Ferraz; LEITE, Tânia Maria Rios; MORAIS, Artur Gomes de; SILVA, Roseane Pereira da. **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- BARROS, Rubem. **É preciso ter vários métodos para alfabetizar**. Revista educação, 18 de outubro de 2016. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2016/10/18/e-preciso-ter-varios-metodos-para-alfabetizar-afirma-especialista/>. Acesso em: 17/09/2020.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes; SOARES, Magda Becker. **Alfabetização e letramento: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.
- BERNARDES, Vânia Aparecida Martins. **História e memória: o programa alfa**. Caderno de História da Educação, 2002. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/290578277/Historia-e-Memoria-o-Programa-Alfa>. Acesso em: 03/02/2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 01/03/21.
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação**. 2014. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm. Acesso em: 01/03/2021.
- CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena. **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- CEARÁ. Resultado Spaece Alfa. 2019. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/resultado-spaece-alfa/>. Acesso em: 12/03/2021.
- FORTALEZA. **Seleção simplificada para assistentes de alfabetização do programa Alfa 3**. Fortaleza. 10 de Setembro de 2018. Disponível em: http://intranet.sme.fortaleza.ce.gov.br/files/11_10_2018_EDITAL_N_53_2018-_SELEO_SIMPLIFICADA_ASSISTENTES_DA_ALFABETIZAO_DO_ALFA_3.pdf. Acesso em: 10/08/2020.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- IDOETA, Paula Adamo. **Quanto mais cedo melhor? O debate sobre idade certa, os métodos e a avaliação na alfabetização de crianças**. BBC, 17 de Maio de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51682664>. Acesso em: 09/03/2021.
- MACHADO, Odair. **O que é fonema e grafema?**. 20 de Janeiro de 2016. Disponível em: <https://metodofonico.com.br/o-que-e-fonema-e-grafema-2/>. Acesso em: 18/02/2021.
- MAY, Tim. **Pesquisa Social: questões, métodos e processos**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no brasil.**

27/04/2006. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf. Acesso em: 07/04/2021.

Programa Político Pedagógico. Escola Municipal X. Fortaleza. 2018.

QEDU. Disponível em: <https://www.qedu.org.br>. Acesso em: 10/02/2021.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização:** as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 20/10/2020.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AS PROFESSORAS**QUESTIONÁRIO APLICADO AS PROFESSORAS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE FORTALEZA****Primeiro momento da entrevista**

1. Sexo () Feminino
() Masculino
2. Idade _____
3. Qual a sua formação inicial?
- 4 Há quanto tempo leciona?
5. Tem alguma especialização em alfabetização? Ou em outra área?
6. Conhecem os resultados da escola no Spaece Alfa e IDEB?
7. Conhece o Programa Político Pedagógico da escola?

Segundo momento da entrevista

1. Você sabe qual a finalidade do Programa Alfa3?
2. Você percebeu melhoras naqueles alunos que receberam o apoio do Programa?
3. Na sua opinião, o Programa foi/é eficaz?
4. Qual a sua atuação dentro do Programa Alfa3?
5. Você recebe alguma formação para o Programa Alfa3?
6. Atualmente tem alguma professora ligada ao Programa Alfa3?
7. Ainda tem estagiária em sua sala, executando o Programa Alfa3?